

Novo Papa

“ Não cedamos ao pessimismo, à amargura que o diabo nos oferece (...) Encontrem novos meios de levar o Evangelho até aos confins da Terra”

15 DE MARÇO, DIANTE DO COLÉGIO CARDINALÍCIO, NA SALA CLEMENTINA

Um Papa ‘fixe’

No encontro com os jornalistas, Francisco contou a história do seu nome – Francisco de Assis pelo seu trabalho pelos pobres – e recebeu vários presentes, mostrando grande à-vontade.



“ Como eu gostaria de uma Igreja pobre para os pobres”

16 DE MARÇO, DIANTE DOS JORNALISTAS NO ANFITEATRO PAULO VI

Banho de multidão

Antes do Angelus, Francisco presidiu à missa como um simples padre de paróquia em Santa Ana, para os trabalhadores do Vaticano. Depois, cumprimentou a multidão no exterior.



“O primeiro ato sério deste Papa, quando ficar sozinho, no seu quarto, é ler aquele relatório que lá está”

JANUÁRIO TOR GAL FERREIRA
BISPO DAS FORÇAS ARMADAS



“Não espero grandes mudanças na Igreja de cima para baixo, mas de baixo para cima. Espero que ele saiba ouvir”

TERESA TOLDY
TEÓLOGA FEMINISTA, PROF. UNIVERSITÁRIA



“Jesus incluiu as mulheres, não as excluiu – algum dia vai ter de aparecer alguém que é cristão e se dá conta da coisa”

ANSELMO BORGES
PADRE, TEÓLOGO, PROF. UNIVERSITÁRIO

No baú do Vaticano



EURICO BARROS
Jornalista

O homem que foi “o escultor dos papas”

O escultor italiano Enrico Manfrini (1917-2004) foi o responsável pela conceção de todos os anéis papais entre os pontificados de Pio XII e João Paulo II, perto do final do qual viria a morrer. Nascido em Milão, Manfrini é conhecido também pelas suas obras monumentais, muitas das quais portas para igrejas e catedrais de várias cidades italianas. A sua longa associação ao Vaticano não se resumiu à conceção dos anéis dos papas, já que Manfrini foi também o autor de muitas medalhas e moedas comemorativas nos pontificados de Pio XII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, cujos bustos também esculpiu. O papa Paulo VI era um seu grande admirador, tendo assim, na altura, a Santa Sé feito várias encomendas ao escultor, nomeadamente estátuas e bustos. Desaparecido Enrico Manfrini, o autor do anel papal de Bento XVI foi o ourives Claudio Franchi. Mas a influência de Manfrini, que ficou conhecido como “o escultor dos papas”, continua viva no Vaticano. Como se comprova pelo facto de o anel do Papa Francisco se basear no modelo que ele desenhou para o de Paulo VI em 1963.

Sonho de um novo concílio na esteira do Vaticano II

Igreja. Três católicos da ‘ala progressista’ falam da esperança que depositam no Papa Francisco e no sonho de um novo concílio, na esteira do Vaticano II

FERNANDA CÂNCIO

“Parece menos do mesmo. Depois deste longo inverno de 30 anos, há sinal de que se possa mudar alguma coisa.” A teóloga feminista e professora universitária Teresa Toldy não espera “uma revolução” mas ficou “muito bem impressionada” com as primeiras palavras e atitude do novo Papa: “Teologicamente uma das coisas mais importantes que ele disse naquela noite foi que é bispo de Roma. Porque o bispo de Roma não é um superbispo que manda nos outros. Se ele souber ouvir, já é muito bom.” A escolha do nome, como a ordem de proveniência, também a satisfizeram: “Houve aquela dúvida sobre se era por causa do São Francisco Xavier ou do de Assis. Agora sabemos que foi por causa do segundo, o que é muito bom, pela preocupação com os pobres, pelo despojamento. E o facto de ser jesuíta tem três vantagens: frequentemente têm uma formação teórica sólida e atualizada e ainda outra formação universitária, como é o caso dele; trata-se de uma instituição com uma implantação inter-

nacional, universalista; e os jesuítas só se submetem ao seu geral e ao papa, o que é bom porque há a ideia de que havia no Vaticano muitos problemas com os grupos a lutar pelo poder.” O que espera? “Maior abertura, diálogo e mudança. Desde logo, mudanças na Cúria. Que estas questões financeiras sejam resolvidas.” Considerando Bergoglio “um conservador no que respeita à moral sexual”, e portanto sem grandes esperanças por aí, desvenda um sonho possível: “Há 50 anos que não há um concílio. Algum dia tem de haver outro. O concílio Vaticano II aconteceu porque o papa João XXIII achou que a Igreja tinha de se renovar. E aí podiam-se fazer mudanças grandes.” A primeira das quais seria a da democratização do próprio concílio. “Não devia ser só com bispos, mas com leigos, processo democrático de base, com as assembleias de fiéis a eleger representantes.”

Januário Torgal Ferreira, bispo das Forças Armadas, converge: “Peçam-lhe de forma sagaz a convocação, já não digo de um sínodo, de um concílio, mas a reunião de um conselho geral da Igreja. E porque não criar uma outra estrutura de aconselhamento? Era importante que o

Papa tivesse uma espécie de assembleia com leigos de todo o mundo. Deveríamos entrar numa forma mais natural, espontânea, mais próxima. Estamos muito distantes do Vaticano.” Aliás, defende o fim dos núncios (“Um padre embaixador? Eu rio-me”) e até do Estado do Vaticano: “Devia desaparecer.” E adverte: “O primeiro ato sério deste Papa deve ser o de ler o relatório que lá está.” Refreia as ilusões, porém. “Não acredito que problemas destes se resolvam num ano, dado o peso bem conhecido do tradicionalismo na Igreja – e se começam a soprar muito no novo Papa, ele rebenta apesar de não ser magro.” Ri, para endurecer a seguir: “Talvez se deva começar pelo que é prioritário, e para mim é a convicção. As pessoas são mesmo convictas, ou são rodadas no sistema? Tenho dúvidas, pelo que tenho visto.”

O padre, teólogo, filósofo e professor universitário Anselmo Borges não podia estar mais de acordo. “Neste momento a Igreja como instituição tornou-se não crível. Os crimes da pedofilia, o Vatileaks, o escândalo do banco do Vaticano, tudo isso é inadmissível. O Papa ao escolher este nome está a querer reconstruir o

rostro da Igreja. Vem franciscanamente para a Igreja, vai atender mais aos pobres.” Uma Igreja dos pobres e para os pobres não pode, acha o cronista do DN, ter “uma estrutura piramidal. Não pode ser governada por um monarca absoluto, com estruturas medievais. A maioria dos escândalos derivam disso”. Nessa medida, reconhece o gesto de resignação de Ratzinger como “extraordinário”, no sentido de que “coloca o humano no centro, lembra que quem está ali é uma pessoa”. Anseia por que o novo Papa pegue nesse testemunho e o leve muito mais longe. “Como vem com a ideia franciscana da fraternidade vai pela sua própria dinâmica vivencial dar o lugar que pertence às mulheres – Jesus incluiu as mulheres, não as excluiu. Algum dia vai ter de aparecer alguém que é cristão e se dá conta da coisa.” O mesmo em relação à questão do celibato: “Mais tarde ou mais cedo tem de acabar. Paulo VI pôs isso à votação no sínodo. Talvez este Papa não acabe com isso, mas pode começar pela ordenação de casados.” Sorri: “Agora vamos ver – Deus quer, o Deus de Jesus quer, se o lado de cá quer, veremos.”